

Empresários criticam *David e T.* intervenções e a • 6 NOV 1987 indefinição do governo

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Críticas à excessiva intervenção do governo na economia interna, à condução das negociações da dívida externa e às indefinições no campo político e econômico foram os principais pontos de consenso entre os mais de 250 líderes empresariais que estiveram na instalação do conselho consultivo da União Brasileira de Empresários (UBE). Sobre a atuação do Estado em setores destinados à iniciativa privada, o empresário Antônio Ermírio de Moraes afirmou: "É preciso coragem para fechar as más empresas do governo".

A não ida do Brasil ao Fundo Monetário Internacional (FMI) foi muito criticada. Para Antônio Ermírio, "por causa da nossa resistência à idéia de ir ao Fundo, estamos pagando um spread 40% mais alto de que o pago pelo México". Na sua opinião, o Brasil poderia fazer um acordo com o FMI, sem permitir a sua interferência na economia brasileira, "como aconteceu no passado, o que seria humilhante". Para o empresário, "a moratória é um conto do vigário. E com a falta de credibilidade que o Brasil está experimentando, negociar a dívida externa é quase impossível".

Para o presidente da Fenaban/Febraban, Roberto Konder Bornhausen, o Brasil deve buscar a volta da normalização com a comunidade financeira internacional, "e já que somos sócios do FMI, a aproximação é natural". Para o presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), Norberto Ingo Zandrozy, é necessário que se apresse o processo de conversão da dívida externa brasileira, "pois se demorar, corremos o risco de ter poucos investidores". Ele destacou, também, a tendência da defasagem de câmbio se agravar. Hoje, o percentual de defasagem, segundo Zandrozy, é de 10%.

INVESTIMENTOS

Um ponto bastante criticado pe-



18-3-87

Bornhausen: normalização

los empresários foi a falta de definição do governo em alguns setores, o que, na opinião da maioria, está provocando a falta de investimentos. Para Paulo Francini, da Fiesp, "falta quase tudo para os empresários retomarem os investimentos". Na opinião do presidente da Confederação das Associações Comerciais do Rio de Janeiro, Amaury Temporal, "não há nada mais pernicioso para os investimentos do que a falta de definição. Mesmo que as regras sejam ruins".

Outra questão abordada pelos empresários foi a política salarial. O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco, disse que a entidade vai analisar esse item na terça-feira. O presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Antônio de Oliveira Santos disse que é necessário melhorar os salários.